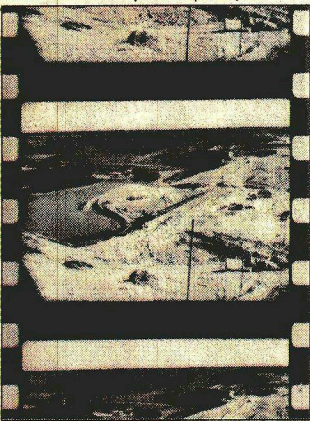
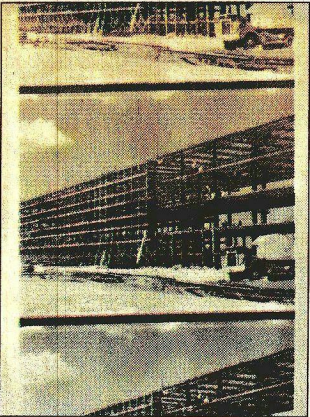


Fotos: Paulo de Araújo/CB/Reprodução



Paranoá

Cenas das escavações do leito do lago, captadas em 1958



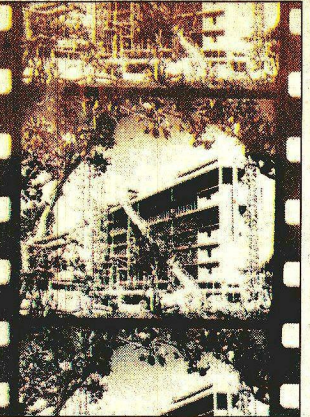
Hotel

Imagens da estrutura metálica do prédio do Brasília Palace



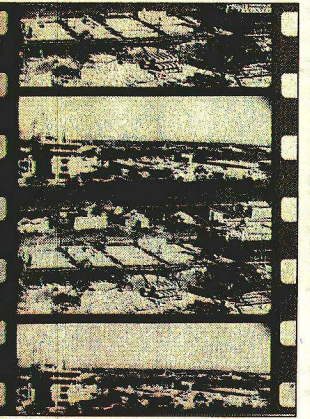
Visita

Recepção do secretário de Estado americano John Foster Dulles, em 1959



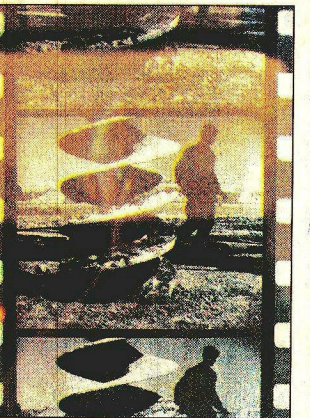
Superquadras

Harmonia entre o cerrado e o concreto em uma quadra da Asa Sul



Habitação

Escavação para a construção de uma superquadra, gravada em 1958



Obras

Detalhe dos trabalhos de perfuração, com uso de uma broca mecânica

História retratada

JK - Brasília

Exposição traz imagens de cinejornais sobre a construção de Brasília

MARIA FERREI

DA EQUIPE DO CORREIO

Cenas de Brasília com pouco concreto. Um enorme canteiro de obras, com homens pendurados em um emaranhado de estruturas metálicas. Reproduções do esqueleto do Congresso Nacional, do Palácio da Alvorada, da retirada de terra do Lago Paranoá antes de sua formação, da construção de superquadras e do presidente Juscelino Kubitschek recebendo chefes de Estado. São imagens raras, extraídas de negativos de um tipo de produção cinematográfica quase esquecido, os cinejornais, em exposição na Universidade Católica de Brasília (UCB). A mostra integra a programação da 5ª Semana de Comunicação (Secomunica), que termina hoje.

As cenas gravadas entre 1957 e 1960 em películas de 35 milímetros fazem parte do acervo pessoal da família Silva, contratada por Israel Pinheiro, então presidente da Companhia Urbanizadora da Nova Capital (Novacap), para documentar a construção da capital para cinejornais — noticiários produzidos especialmente para serem exibidos em cinemas, antes do início dos filmes. Boa parte das imagens, captadas pelo cineasta José Silva e o filho Sálvio Silva, está no Arquivo Público do Distrito Federal (no Setor de Áreas Públicas, lote B) e no Memorial JK.

Mas o material em exposição na UCB ficou anos guardado na casa da família Silva, na Vila Planalto. “São películas que somam uma hora e meia de gravações. Elas estavam dentro de sete latas, deixadas debaixo de uma mesa, num cantinho da casa. Sempre tive curiosidade em assisti-las. Um dia, resolvi recuperar as imagens. Foram seis meses de trabalho, olhando as películas, extraíndo imagens, ampliando e colocando em molduras”, detalha o filho de Sálvio, o economista Luiz Fernando Silva, 46 anos. O pai e o avô morreram. Ele e a mãe, Maria Etelvina Távora Corrêa Silva, 69, lutam para preservar e divulgar o material.

Luiz Fernando produziu 73 quadros. Dezessete deles foram cedidos aos estudantes de Comunicação da UCB para a realização da exposição da 5ª Secomunica. Quem visitar a mostra, que é gratuita, pode ainda assistir a trechos das gravações da família Silva. As imagens foram selecionadas pela estudante do sexto período do curso de Jornalismo Yale Gontijo, 23 anos. Ela conta

que a ideia de montar a exposição surgiu em sala de aula, na disciplina de Políticas de Comunicação e Gestão da Informação. “A pesquisa sobre cinejornais é uma forma de estudar alternativas no mercado de trabalho. Com relação à mostra, ela representa o ineditismo de mostrar o trabalho dos pioneiros do cinejornal de Brasília”, avalia a estudante.

Ela detalha ainda algumas peculiaridades do acervo, como as legendas em alemão, e a narração de Cid Moreira, um jovem até então desconhecido. “A intenção do presidente JK era divulgar as imagens em outros países, por isso as legendas em alemão. Queria também atrair mais pioneiros para a nova capital”, detalha Yale. A posse de Juscelino, por exemplo, foi exibida em cinejornal. O acervo em exposição na UCB mostra ainda operários, autoridades, o movimento da Cidade Livre, prédios de governo e moradias.

Recordação

Imagens que nunca foram esquecidas pelo pipoqueiro Liberato Osvaldo das Neves, 76 anos, morador do Gama. O pioneiro, que chegou em Brasília em 1956 para trabalhar na Novacap, visitou ontem a mostra e lembrou de bons momentos. “Eu tenho muito orgulho de ter falado com o JK duas vezes. A primeira, foi quando ele me deu um terreno no Núcleo Bandeirante”, revela. O goiano de Nerópolis, que morava debaixo de uma lona perto da 4ª Avenida, pediu, sem cerimônia, um lote ao presidente.

O pipoqueiro também garante que comeu da mesma comida que JK. “Em um dos canteiros de obras, perto de onde é hoje a Avenida das Nações, o presidente comeu a comida dos operários: costela, mandioca e um arroz, grudento e difícil de engolir”, conta, aos risos. Liberato elogia a iniciativa de realizar a mostra. “Se existe história, tem de ser contada. Do contrário, fica apagada. Como é que os jovens irão saber?” A 5ª Secomunica, com o tema “Brasil na América Latina”, está aberta até hoje. Além da exposição, que termina às 18h, há ainda palestras e a discussão sobre *Políticas do Audiovisual na América*, com o subsecretário Orlando Senna, do Ministério da Cultura.

EXPOSIÇÃO

Aberta das 8h às 18h, no hall de entrada do Bloco K da Universidade Católica até hoje.

Fotos: Paulo de Araújo/CB



O PIONEIRO LIBERATO OSVALDO DAS NEVES LEMBROU OS BONS MOMENTOS DA CONSTRUÇÃO DA CIDADE AO VISITAR ONTEM A MOSTRA

PARA SABER MAIS

PADRONIZAÇÃO DO CURTA-METRAGEM

O cinejornal, noticiário produzido para a apresentação em cinemas, padronizou a duração do curta-metragem e o formato da apresentação. Também institucionalizou o patrocínio, porque em geral eram filmados por pequenas produtoras ou cinegrafistas independentes. Esse tipo de produção teve sua estabilização no Brasil no século 20. Em 1921, o cinegrafista Gilberto Rossi obteve subvenção do estado de São Paulo para a produção desse tipo de material cinematográfico. O Rossi Atualidades foi produzido durante todo o governo dominado pelo Partido Republicano Paulista (PRP), até a subida de Getúlio Vargas, com a Revolução de 1930.

No Rio de Janeiro, o mercado passou a ser dominado pelas marcas criadas pelos irmãos Alberto e Paulino Botelho, até o aparecimento da Botelho Filmes, que permaneceu nas telas até a década de 50. Em 1934, com a obrigatoriedade de exibição do complemento nacional, os cinejornais conquistaram novo status. As produtoras, como a Cinédia (1934-1944) e a Atlântida (de 1941 até a década de 70), deram início a uma produção sistemática.

A partir de 1938, o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) começou a produzir seus próprios cinejornais. O Cine Jornal Brasileiro, o CJB (1938-1946), foi produzido por alguns estados onde havia o DIP montado. Ficaram em circulação até 1954. Entre 1971 e 1979, o governo federal voltou a produzir os cinejornais, mas se tornaram menos frequentes com o crescimento do número de televisores nos lares brasileiros associado ao jornalismo produzido cada vez mais próximo do tempo real.

Fonte: Enciclopédia do Cinema

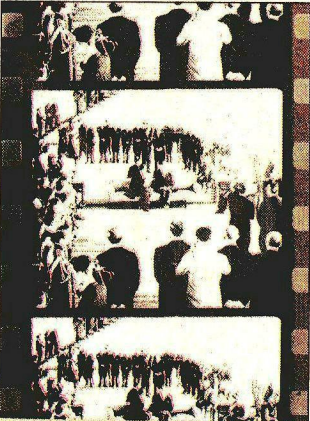
LUTA PARA MANTER TODO O ACERVO

A contratação do cineasta José Silva e do filho Sálvio Silva ocorreu em 1957. Até a inauguração de Brasília, em 1960, os dois vinham a cada três meses de Belo Horizonte (MG), onde mantinham a produtora Liberta Filmes, para captar tudo o que podiam sobre a construção da nova capital. A família conta que a tarefa não foi fácil. Eles passaram fome e sede, viviam pendurados nos caminhões da Novacap para se deslocar em Brasília.

Segundo a viúva de Sálvio, Maria Etelvina Távora Corrêa Silva, de 69 anos, o trabalho do marido não terminou com a inauguração. Ele fez outros registros depois de 1960. “Ele pretendia criar filmes educativos para serem exibidos em escolas. Mas morreu antes de ver esse sonho concretizado”, revela a viúva, conhecida como Dona Quitita. “Mesmo doente, com dores terríveis em virtude de uma artrite, ele se levantava de madrugada para filmar o sol nascendo. Era um desbravador do cinema. Nunca mediu esforços para produzir as filmagens”, acrescenta. Sálvio teve um derrame em 1986. Morreu quatro anos depois.

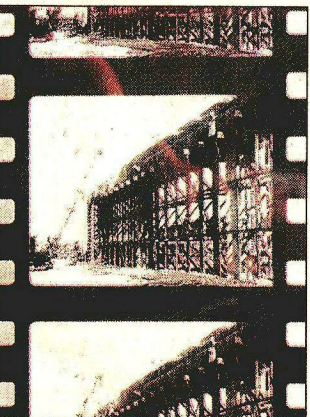
Agora, a mulher e o filho de Sálvio, o economista Luiz Fernando Silva, 46 anos, buscam apoio para recuperar as imagens. Boa parte das películas já se deteriorou. “Elas ficam meladas, se cristalizam. Tive que queimar algumas. Não quero ser obrigado a fazer isso com as demais. Recuperar tem um custo alto e não temos patrocinadores nem apoio de governo”, lamenta Luiz Fernando. Apesar de ter tentado várias vezes, o filho de Sálvio Silva garante que nunca irá desistir. “São imagens que poucos conseguiram captar. Quem veio cobrir a inauguração de Brasília, por exemplo, não estava acostumado com a luminosidade, como meu pai, não utilizou o filtro adequado e perdeu a maior parte do material. Meu pai e meu avô produziram um belo material, que corre risco de ser perdido.” (M.F.)

Fotos: Paulo de Araújo/CB/Reprodução



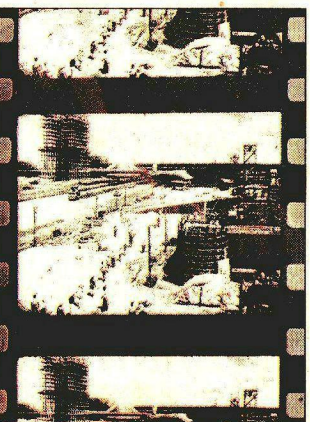
Recepção

O presidente JK recebe embaixador de Portugal, em 1958



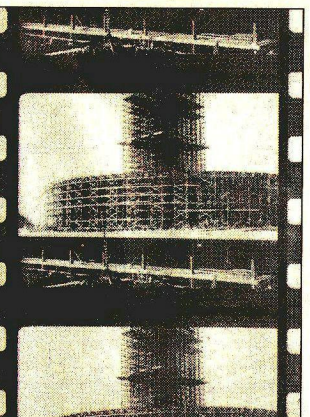
Terminal

Construção da plataforma da Rodoviária do Plano Piloto, em 1958



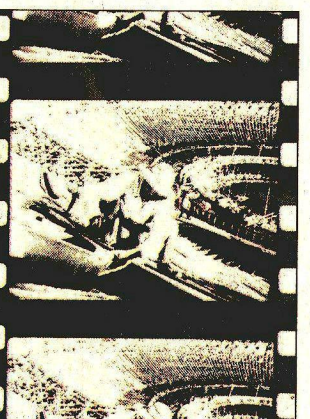
Esplanada

Construção do Palácio do Planalto e do Congresso Nacional



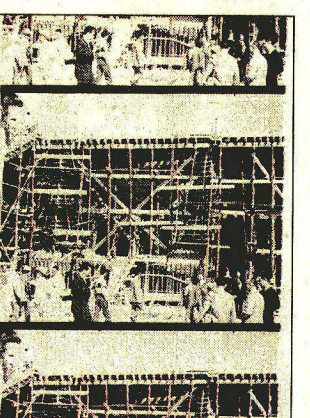
Congresso

Imagens da construção da Câmara e do Senado, filmadas em 1958



Detalhe

Operário monta estrutura da Câmara dos Deputados, em 1958



Alvorada

Detalhes das colunas de sustentação da residência presidencial